

## JOSÉ ALBANO — CENTENARIO

**José Hélder de Souza**

Como se disse ser este livro uma rememoração do poeta José Albano, faz-se necessário dar algumas informações aos leitores sobre a figura, um tanto exótica, do diplomata e escritor cearense que, se vivo, teria completado cem anos no dia 12 de abril deste ano de 1982.

José Albano é, realmente, um poeta de iniciados. Seu nome circula somente num âmbito muito pequeno constituído de poetas mesmo e de estudiosos da literatura brasileira, muito embora sua poesia não seja difícil e me arrisco a dizer que teria bom curso se maior difusão tivesse tido, no seu tempo, como hoje. Muito embora seja um poeta de dicção clássica — um discípulo acabado e confesso de Camões —, e, por isto mesmo, Albano seria facilmente entendido pelo grande público em versos como os desta trova: “A esperança já morreu,/O amor é quase acabado/Do sonho do meu passado/Não me ficou senão eu”. Ou como os desta outra singelamente belos: “Tudo já me persuade/Que a ti me não hei de opor:/Longe matas de saudade/E perto matas de amor.” Tem mais outros, assim: “A pensar me às vezes ponho/E não posso compreender/ Porque sempre acaba o sonho,/Quando começa o prazer”.

O próprio José Albano porém, cuidou de ser poeta apenas de iniciados. Nos seus quarenta e um anos de existência fez bons versos, mas os juntou em pequenos livros — plaquettes, como se dizia — de tiragem limitada a vir a ser, mais tarde, raridades bibliográficas de grande curiosidade literária. Por isto mesmo “José Albano será talvez o poeta menos conhecido em toda a literatura brasileira, o que constitui de certo modo, uma injúria a quem, como ele, realizou obra de abso-

luta autenticidade e superior categoria artística” — diz o crítico Braga Montenegro na introdução à antologia “José Albano — Poesias”, da coleção “Nossos Clássicos” da Agir Editora (Rio - 1958).

José de Abreu Albano, seu nome completo, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 12 de abril, filho de José Albano Filho e Maria de Abreu Albano, descendente dos Barões de Aratanha, família ilustre e abastada desde aqueles dias até hoje. Dela nasceram intelectuais, militares, políticos. O menino José Albano estudou no Seminário Episcopal de Fortaleza até os 13 anos, indo então, para a Inglaterra completar seus estudos, fazendo humanidades no Stonyhurst College, dos Jesuítas, até 1884; depois no colégio Stella Matutina, em Feldkirch, Austria, até 1897 e mais um ano no Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã, em Dreux, França. Voltando a Fortaleza neste mesmo ano, trabalha na casa comercial de José Albano Filho, seu pai. Faz os preparatórios, neste tempo, no Liceu do Ceará e, em 1902 viaja para o Rio com a intenção de estudar Direito. Dois anos depois está de volta ao Ceará e passa a ensinar Latim no próprio Liceu do Ceará. Acabou no Ministério das Relações Exteriores, em 1905, aproveitando seu grande talento para línguas: falava “corrente e corretamente — observa Manoel Bandeira — o francês, o inglês, o alemão, o italiano e o espanhol, conhecia, ainda, o holandês, o provençal, o catalão e o galego”. Era ainda latinista e estudioso do grego. Pode-se dizer — acentua ainda Manoel Bandeira — que a língua portuguesa foi a grande paixão de sua vida. Indignava-se contra os que via encobrendo-a de “ornamentos estranhos”. Em 1908 o poeta foi servir no Consulado Geral do Brasil em Londres. Quatro anos depois abandonou a carreira para percorrer, por sua conta e risco, o resto da Europa. Depois dos países latinos — Portugal, Alemanha, França, Itália e Romênia, perambulou pela Bélgica, Holanda, Alemanha, Hungria, Suíça, depois Turquia, Palestina e Egito. Voltou a Londres em 1913 e um ano depois regressava ao Brasil com sua saúde mental gravemente comprometida, perturbada por crises místicas e por seu distanciamento do mundo envolvente, agravada pela incompreensão dos que o rodeavam.

Vencido os problemas mentais voltou ao Rio em 1917 e no ano seguinte à França, onde veio a falecer, a 11 de julho de 1923, em Montauban.

José Albano, como se vê, morreu distante da pátria e exatamente quando eclodia o movimento modernista no Brasil, o desvario dos homens da “Semana de Arte Moderna” em plena efervescência e com toda sua iconoclastia. Este fato, acrescido ao de ter vivido grande parte de sua vida no exterior e de ter publicado seus versos em livros de edições limitadas, pode ter contribuído para seu esquecimento.

Deste ostracismo José Albano viria a ser tirado exatamente por um dos maiores poetas do modernismo, Manoel Bandeira e por Braga Montenegro, seu conterrâneo e também homem de 22, estreado na ficção e na crítica em 1945. Estes dois foram os grandes estudiosos e entusiastas da obra poética de José Albano. Mas não foram os únicos. João Ribeiro, com toda a sua respeitabilidade de crítico e filólogo, logo após sua morte, fez-lhe o necrológio na Revista Nacional de julho de 1923. Agripino Grieco, o cáustico crítico que pontificou depois de 1922 até os nossos dias, também tem referências a José Albano. Braga Montenegro cita, ainda, na lista de autores com escritos sobre o poeta cearense, Luís Aníbal Falcão, amigo pessoal de José Albano. Todos reconhecendo o valor da obra do autor de “Comédia Angélica”. Mais tarde, Sânzio Azevedo, historiando a “Literatura Cearense”, dedica-se, também, ao estudo da obra do poeta.

Luís Aníbal Falcão, citado por Manoel Bandeira, nos dá um excelente perfil de José Albano: “Vestindo sempre um terno de veludo marron, que me dizia ser a última moda de Londres, não dispensava as luvas, que de tão gastas mostravam todas as pontas dos dedos, nem a bengala curva, de falso junco. Um chapéu machucado e já com mais de um furo cobria-lhe a basta cabeleira. O rosto cheio, de linhas puras e finas, de nariz estreito e reto, tinha a sua palidez quase transparente realçada pela larga barba castanha. Assim, na sua majestade inata, na sua beleza desdenhosa, José Albano lembrava algum rei assírio, poderoso e displicente”.

Manoel Bandeira também nos dá uma idéia do exotismo de José Albano e de sua altanería intelectual: "Assim vi eu o poeta uma duas vezes, na Livraria Garnier, de sobrecasaca preta, de uma feita retrucando sem cerimônia a João Ribeiro — a João Ribeiro: — seu amigo e grande admirador: Não diga asneiras, João Ribeiro! Não diga asneiras! O que me deixou estarecido".

Vista a figura, vejamos um pouco a obra. Sigamos os passos de Braga Montenegro e de Manoel Bandeira. Já foi dito que José Albano publicou seus versos em pequenos cadernos impressos ora em Barcelona, Espanha, nas "Oficinas de Fidel Giró", ora em Fortaleza, nas "Ex Typografia Hodierna Fortalexiae" e "Ex Typis Assis Bezerra Fortalexiae" (os termos latinos af, naturalmente, por conta do poeta). A relação desses livros é a seguinte: "Rimas de José Albano — Redondilhas" (1912 - Barcelona). "Rimas de José Albano — Canção a Camões e Ode à Língua Portuguesa" (1912 - Barcelona), "Sonnets by Joseph Albano with Portuguese prosetralation" (1918 - Fortaleza), "Comédia Angélica de José Albano" (Fortaleza, 1918). "Antologia Poética de José Albano" (Fortaleza, 1918). Todos esses livros foram confiados a Manoel Bandeira pela família de José Albano para que fosse feita uma só edição. Manoel Bandeira já incluía José Albano no seu livro "Panorama da Poesia Brasileira", editada em 1946. Desta feita, porém, após examinar todos os livros acima citados e, depois de acurado estudo, fez um novo livro a que intitulou "Rimas de José Albano", editado pela Pongetti, Rio de Janeiro, em 1948 com um prefácio do próprio Manoel Bandeira. Mais tarde Braga Montenegro, crítico cearense recentemente falecido, baseando-se nesta edição organizada por Manoel Bandeira faria uma outra para a Universidade Federal do Ceará que seria impressa por iniciativa do Reitor Martins Filho, em 1966.

Nesta edição foi incluído prefácio feito por Braga Montenegro para servir de introdução à "Antologia José Albano — Poesias", o número trinta da coleção "Nossos Clássicos", de Agir, publicado em 1958. A edição da UFC contém ainda aquele prefácio feito por Bandeira para a edição de Pongetti. Mas é em Braga Montenegro que vai se encontrar maior acervo crítico sobre a obra de José Albano. .

Mestre Braga começa por nos falar do desconhecimento do poeta na literatura brasileira. Neste ponto lembra que a “figura singular” de José Albano, no dizer de Manoel Bandeira, “é inteiramente fora dos quadros da poesia brasileira”, a tal ponto de chegar a ser citado como de origem lusa numa enciclopédia feita por mal-avisados. Braga descarta também o lado anedótico e excêntrico do poeta muitas vezes ressaltados por observadores passageiros de sua obra e de sua presença na literatura brasileira. O vê como um vulto bifronte, “de um lado o homem da Renascença, com toda sua pujança criadora integrada em instinto e espírito na vida e na cultura de seu tempo; e do outro, um temperamento em fuga, desapontado com as imperfeições de sua época, dilacerado pelo dilema de viver sua contingência cotidiana ou de se transportar ao passado heróico, como um verdadeiro arcaísta que sempre foi e mais se fez pelo imenso cabedal linguístico que acumulou”. Assim Albano é visto como perfeito discípulo de Camões a quem tanto imitou confessadamente como foi por ele influenciado, destaca Braga Montenegro, negando porém qualquer atitude plagiária ou mesmo de pastiche da obra camoniana. Albano teve sua originalidade e independência, não obstante a influência e a admiração por Camões. Diz a respeito Braga Montenegro: “Eram, mestre e discípulo, temperamentos muito pouco afins e quando mais não houvesse a distingui-los basta a interposição de quatro séculos em que se acumularam tanta experiência e tanta civilização para definitivamente faze-los separados”...

Sem dúvida um dos fatores do “isolamento” de José Albano dentro da literatura é o tratamento formal de sua obra aqui já aludido, e o temático. O poeta cuidava apenas das musas, dos deuses — como nos poemas épicos “Alegoria” e “Triunfo” — e dos anjos — como na “Comédia Angélica”. Braga Montenegro — nosso guia neste emaranhado poético de criação puramente espiritual —, a respeito deste distanciamento temático e formal do poeta José Albano, observa: ... “ele próprio viveu na constante busca de um ideal de intemporalidade, avesso inteiramente às inspirações sociais e morais de sua época, rebelde à contingência biológica e de cultura que o fez brasileiro do século XX ao invés de portu-

guês do Renascimento”. Isto é suficiente para compreender a obra de José Albano. A cultura, a erudição são a base mesmo desta obra. O que o fez alheio a seu tempo foi, sem dúvida, o mergulho no mundo clássico através da literatura de poetas gregos, latinos (lidos no original) e naturalmente os grandes escritores da Renascença, de Dante e Petrarca, de Camões e Shakespeare.

Braga Montenegro cita Antônio Sales num prefácio às **Rimas** que “não chegou a ser utilizado”, para dividir as fases da obra de Albano: “A primeira de lirismo passional, a segunda erudição clássica e a terceira de êxtase místico”. Creio podermos nos fixar na segunda, origem de belos sonetos, dez deles escolhidos pelo próprio autor e os demais recolhidos por Manoel Bandeira entre seus originais deixados à família.

A tristura, a melancolia, o desengano são o cerne da temática destes sonetos, como de resto de quase toda a obra de José Albano. Para reafirmação disto voltemos a Braga Montenegro: “... sonetos admiráveis inspirados no amor a Deus, os quais se misturados aos de Camões somente se identificariam pela originalidade de inspiração platônica, pela personalidade que lhes soube infundir o autor, pois assim como Camões imitando Petrarca redigiria o soneto camoniano, José Albano, imitando Camões, comporia o soneto à própria maneira”.

A tristeza como constante na obra de Albano é que nos deu os sonetos e trovas mais belos da língua neste século, superiores aos decantados sonetos de toda a pleiade parnasiana de seu tempo, por sua pureza e tratamento formal superior, como o primeiro dos dez sonetos escolhidos pelo próprio Albano que assim é no seu primeiro quarteto:

“Poeta fui e do áspero destino  
senti bem cedo a mão pesada e dura.  
Conheci mais tristeza que ventura  
E sempre andei errante e peregrino.”

A mesma beleza emocionada vamos encontrar neste outro quarteto:

“Mata-me, puro amor, mas docemente  
Para que eu sinta as dores que sentiste  
Naquele dia tenebroso e triste  
De suplício implacável e inclemente”.

Para finalizar podemos citar mais uma vez Braga Montenegro exatamente quando refere-se aos sonetos de José Albano: “No soneto estará, todavia, o ponto culminante da lírica de José Albano, o que equivale dizer: o momento mais admirável de toda sua poesia”.

x x x x x

Não tive a fortuna de conhecer o poeta José Albano, nasci depois de oito anos de sua morte. Precisei dizer esta obviedade para em seguida poder falar de pessoas do coração de José Albano e do meu também, ao final: Dona Gabriela, sua mulher, com quem casou em 1906, com ela percorrendo o mundo e criando cinco filhos, um dos quais Maria José, casada com Jorge Moreira da Rocha, três pessoas com quem convivi na minha descuidada juventude, entre 1956 e 1960, em Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção e, por intermédio delas, com muita reverência às suas lembranças, me permito entrar nesta história, até mesmo para que elas revivam e permaneçam tanto quanto eu possa revivê-los.

Meu encontro com eles (José Albano, só em memória) deu-se numa das melhores fases de minha derrota sobre este chão brasileiro e cearense.

Foi quando dos primeiros passos no mundo das letras, os primeiros trabalhos publicados nas páginas dos jornais fortalezenses credenciando-me a aproximar-me do Grupo Clã e, também, um outro de boêmios e sonhadores, pastores das noites e dos sonhos. Era um punhado de jornalistas, escritores e artistas plásticos e de teatro: Milton Dias, Jairo Martins Bastos, Zenon Barreto, Goebel Weyne, Floriano Teixeira, Lúcia e Norma Perales Ayres, Alba Frota (a que viria a morrer junto com o Marechal e ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco num desastre de avião nas proximidades de Fortaleza), a quem por vezes vinham juntar-se Braga Montenegro e Alcír Araújo.

Jorge Moreira da Rocha era também um homem de formação europeia, fez seus estudos na Inglaterra e na França; na provinciana cidade de Fortaleza daqueles dias sentia-se como um exilado. De seu casamento com Dona Maria José Albano também uma cosmopolita, não teve filhos e uma maneira muito sua de compensar tudo isto era promover reuniões em sua casa na Aldeota, para conversas descontraídas, mas espirituosas. Aos sábados lá estávamos todos tomando do seu bom uisque e falando de tudo, inclusive de literatura.

Dona Gabriela já estava bem idosa e naturalmente não participava de tais reuniões ruidosas a se prolongar até altas horas da noite. Dava-nos cedo seu boa noite. Sua filha, embora às vezes fazendo reparos a alguns exageros contrários à sua sensibilidade, cultura e refinamento, integrava-se e participava, até certa hora, das conversas. Jorge Moreira da Rocha era o grande **causeur** rememorava sua vivência europeia e nos ensinava coisas. José Albano, naturalmente, era sempre referido. Daí nasceu nosso interesse por sua obra, por sua figura excepcional. Gabriela, Jorge e Maria José já estão mortos faz algum tempo, deles porém temos viva lembrança, memória de dias agradáveis vividos juntos, à sombra portentosa de José Albano sempre projetada junto a nós.

(Este trabalho integra o livro “De Mim e das Musas”).